

TRANSFERÊNCIA DE CONHECIMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO DE PEQUENAS PROPRIEDADES RURAIS: UM ESTUDO DE CASO EM QUIRINÓPOLIS, GOIÁS, BRASIL

KNOWLEDGE TRANSFER FOR THE DEVELOPMENT OF SMALL FARMS: A CASE STUDY IN QUIRINÓPOLIS, GOIÁS, BRAZIL

WILDA SOARES LEMOS¹; ALCIDO ELENOR WANDER^{1,2}

1 – CENTRO EDUCACIONAL ALVES FARIA (ALFA); 2 – EMBRAPA ARROZ E FEIJÃO

wilda.lemos@gmail.com, alcido.wander@embrapa.br

Resumo – Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa sobre a transferência da informação pelos técnicos agrícolas aos pequenos agricultores do município de Quirinópolis, Goiás, Brasil. Identifica-se as barreiras para transmissão da informação e propõe-se um modelo de transferência do conhecimento. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois os dados descritivos, obtidos mediante entrevistas, foram interpretados com o objetivo de entender o fenômeno da mediação. Foram ouvidos nove técnicos que atuam como mediadores da tecnologia para os pequenos produtores rurais. Verificou-se que a conversação é eficiente entre técnicos e pequenos produtores rurais porque as informações são mais facilmente absorvidas quando a convivência é mantida, a confiança é compartilhada, e as conversas são frequentes, com uma linguagem adaptada ao contexto dos pequenos produtores rurais.

Palavras-chave: Modelo. Conhecimento. Produtores Rurais. Formação Técnica Rural.

Abstract - This article presents the results of a research about transfer of technical information to small farmers in Quirinópolis, Goiás, Brazil. Besides studying the barriers of transmission, this research aims at proposing a model of knowledge management. This is a qualitative research, since the descriptive data, collected through interviews, was interpreted aiming to understand the phenomenon of mediation. Nine technicians who act as mediators of technology to small farmers were interviewed. It was found that the conversation between rural technicians and small farmers is efficient because the information is more easily absorbed when coexistence is maintained, confidence is shared, and the conversations are frequent, with a language adapted to the context of small farmers.

Keywords: Model. Knowledge. Farmers. Rural Technical Training.

I. INTRODUÇÃO

A informação é fator de desenvolvimento e crescimento de qualquer região e, portanto, sua carência aumenta o risco na tomada decisão em qualquer setor da economia. Atualmente, a quantidade de informações disponíveis é significativa, embora nem sempre chegue de maneira correta ao usuário. As estratégias de transferência da informação são direcionadas, sobretudo, para identificar qual e que tipo de informação poderá atingir o objetivo

proposto, a quem ela deverá ser entregue e quais as tecnologias utilizadas. Portanto, a preocupação com a forma de apresentação da informação em relação a cada tipo de cultura e a avaliação dos resultados de sua utilização são as estratégias mais importantes em qualquer iniciativa de gestão do conhecimento (NONAKA; TAKEUCHI, 1997). Cada tipo de usuário necessita de informações distintas, que exigem um formato de apresentação único. Os produtores rurais da microrregião Sudoeste de Goiás, por exemplo, possuem uma cultura que os diferencia e precisam de estratégias de transferência de informação que respeitem sua linguagem, cultura, história e crenças. Assim, a informação útil para o grupo de pequenos produtores rurais, deve assegurar o seu valor no compartilhamento de experiências, por meio de conversas afetivas, na assistência técnica e, especialmente, no monitoramento dos resultados obtidos em um determinado período.

A agricultura moderna implica no uso de novas tecnologias, que significa novas informações, que provoquem mudanças no conhecimento dos pequenos produtores com o objetivo de aumentar a produtividade de suas atividades produtivas e melhorar a qualidade de vida de suas famílias. No entanto, as inovações, além de tecnológicas, devem ser também sociais, gerenciais e organizacionais. Porém, as famílias de pequenos produtores passam por problemas de escassez de informações adequadas para manterem suas propriedades produtivas e sustentáveis do ponto de vista econômico, social e ambiental. Essa situação, na maioria das vezes, força os produtores a deixarem a atividade agropecuária e a buscarem outro tipo de trabalho para sobrevivência. Mas é importante mantê-los na agricultura porque são responsáveis por uma parcela significativa da produção de alimentos e, também, pela geração de empregos em áreas rurais, segundo dados obtidos dos portais do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e da FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura, que mostram as exportações relacionadas aos pequenos agricultores bastante representativa se comparados com as dos grandes agricultores.

Entretanto, para que haja uma transformação efetiva, é necessária a inclusão de um agente social, profissional que não se limita a cumprir somente seu papel de técnico, mas atua como mediador da informação (SEBRAE, 2010).

Este artigo analisa a atuação destes técnicos e apresenta um modelo que favorece a absorção e uso da informação entre os pequenos produtores, tendo a conversação como meio principal. Portanto, falar a mesma linguagem de uma comunidade torna mais fácil compreender os problemas e dificuldades dos indivíduos.

Maturana (1999) confirma o poder da linguagem para uma transformação pessoal, especialmente, por meio de uma conversação. Para o autor, toda a ação está ligada a uma conversação: “Tudo o que nós, os seres humanos, fazemos como tal, o fazemos nas conversações. E aquilo que não fazemos nas conversações, de fato, não o fazemos como seres humanos” (MATURANA, 1999, p. 47).

As inovações tecnológicas, as informações sobre gerenciamento e organização são necessárias para que se alcance maiores níveis de produtividade e, consequentemente, maiores receitas. Afirma Lacki (2013) que, as inovações só serão possíveis mediante informações que gerem conhecimento para os pequenos produtores aproveitarem as potencialidades e oportunidades existentes em suas propriedades.

Ainda tratando dos problemas dos produtores e as tecnologias disponíveis, Cezar (2011, p. 50) aborda outra questão, a falta de integração entre produtores e técnicos:

“O distanciamento que possa existir entre o conhecimento gerado nos centros de pesquisa, as tecnologias desenvolvidas e a real necessidade do produtor ou as possibilidades concretas do pecuarista em adotar tais tecnologias, acontece devido à falta de integração entre produtores e técnicos. Estes últimos tendem a interpretar os problemas de acordo com seus pontos-de-vista, não considerando a vivência dos produtores (CEZAR, 2011, p.50).”

Além do problema da ausência de integração entre técnicos e produtores rurais, ocorre também a falta de incentivo para os produtores, principalmente os jovens, permanecerem na atividade agrícola. Para Wanderley (1995), a atividade agrícola familiar no Brasil não é estimulada, diferentemente de outros países, como a França, onde há um grande incentivo para o agricultor permanecer no campo. Esses países mantiveram a população no meio rural, oferecendo-lhe condições para uma boa qualidade de vida e renda.

Abramovay (2004) entende que a agricultura familiar não é simplesmente um setor e sim um valor e que a ocupação rural é necessária e valiosa para o desenvolvimento de um país. A forma de ocupação possui características específicas que exige dos técnicos, responsáveis por levar a tecnologia para esse grupo, maior conhecimento do espaço rural e respeito às suas experiências e tradições.

Ao tratar da transferência de informações e geração de conhecimento entre pessoas, Goldmann (1970) alerta para a dificuldade de transformação de determinados grupos por meio das informações e, Maturana (2001), para a complexidade sistêmica do ser humano, quando se busca a mudança em suas ações pela absorção da informação.

Goldmann (1970) esclarece a dificuldade de assimilação da informação ao dizer que existem informações cuja compreensão é dificultada em virtude das características do grupo. As informações somente serão compreendidas se a estrutura sociocultural do grupo for

modificada, portanto, deve-se considerar a história e crenças de cada participante.

Maturana e Varela (2001, p. 33) por sua vez, explicam que a informação recebida para ser absorvida pelo ser humano passa por um sistema complexo, pois “não há descontinuidade entre o social, o humano e suas raízes biológicas”.

Borko (1968), Belkin (1978), Brookes (1980), Le Coadic (1996) e Capurro (2003) estabelecem relações diretas da informação com o conhecimento do indivíduo, isto é, a informação transmitida se absorvida gera uma ação.

Para De Oliveira (2005) e Franco (2001), a dificuldade de absorção da informação ocorre quando não se observa o referencial cultural e linguístico do grupo. O contexto em que vive o receptor da informação deve ser considerado, porque a informação recebida é comparada com o referencial existente, caso contrário, ela é descartada e não utilizada pelo receptor.

Os pequenos produtores rurais possuem uma cultura específica, adequada ao ambiente em que vivem. Se o mediador da informação não considerar a cultura e a linguagem desse grupo, dificilmente conseguirá promover mudanças em suas ações.

Para Habermas (1987), Martín-Barbero (1995), Foucault (1999), Rodrigues e Grippa (2011), Toro e Werneck (2004), Silva e Ribeiro (2011), o sucesso da comunicação está na mediação, pois cada indivíduo é diferente do outro, passa por experiências distintas que devem ser consideradas pelo mediador da informação.

Davenport e Prusak (1998) relacionam sete inibidores para a transferência do conhecimento. Os autores tratam os inibidores como atritos. São eles:

- a) a falta de confiança mútua;
- b) as diferentes culturas, vocabulários e quadros de referência;
- c) a falta de tempo e de locais de encontro;
- d) o *status* direcionado para os possuidores do conhecimento;
- e) a falta de capacidade de absorção pelos recipientes;
- f) a crença de que o conhecimento é prerrogativa de determinados grupos; e
- g) intolerância com erros e necessidade de ajuda.

Para resolver esses atritos, os autores propõem:

- construir relacionamentos e confiança mútua em encontros face a face;
- estabelecer um consenso de educação e discussão;
- criar locais para a comunicação;
- oferecer incentivos para o compartilhamento;
- propiciar tempo para o aprendizado;
- estimular a aproximação dos membros de um grupo; e
- aceitar e recompensar a colaboração.

Para Wersig (1976), as barreiras na comunicação da informação podem ser ideológicas, econômicas, legais, de tempo, de eficiência, financeiras, terminológicas, de idioma, de capacidade de leitura, de consciência e conhecimento da informação e de responsabilidade.

Habermas (2001) por sua vez, explica que o ambiente social e as características psicológicas do indivíduo podem interferir na comunicação da informação. De acordo com o autor, cada indivíduo possui diferentes visões, fruto das experiências acumuladas durante toda a sua vida e que,

mesmo compartilhando as mesmas visões, o indivíduo ainda mantém certas experiências subjetivas, o que pode isolar ou aproximar indivíduos e grupos.

Mas os inibidores podem ser identificados e minimizados, por meio de conversas efetivas, segundo Maturana (1997), Flores (1995) e Echeverria (1998).

Conforme Maturana (2009), as interações, por meio da linguagem necessitam de uma emoção, que, nesse caso, é a confiança, e que não pode surgir na discussão, mas de conversações afetivas que levem à ação, porque ao se modificarem as emoções, alteram-se também as ações dela decorrentes.

Ainda tratando da linguagem para a interação, Koch (2003) afirma que

“é preciso pensar a linguagem humana como lugar de interação, de constituição das identidades, de representação de papéis, de negociação de sentidos, por palavras, é preciso encarar a linguagem não apenas como representação do mundo e do pensamento ou como instrumento de comunicação, mas sim, acima de tudo, como forma de interação social (KOCH, 2003, p. 128).”

Flores (1995) e Echeverria (1998) apresentam o ciclo de coordenação de ações como um modelo para que as pessoas possam trabalhar e cooperar umas com as outras por meio de conversas, no falar e no escutar. O ciclo é composto por quatro fases: criação do contexto, negociação, realização e avaliação. A negociação é a fase onde pode haver contraoferta, recusa ou adiamento. A realização é a fase da realização da ação conforme o combinado na negociação, quando o prazo é estabelecido e as condições de satisfação são definidas. A avaliação é a fase de encerramento do ciclo, na qual é expedida a declaração de satisfação pelo resultado obtido. O compartilhamento dos problemas está presente no centro do ciclo, é fator essencial em qualquer fase, mas, sem a confiança, não é possível esse compartilhamento.

II. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, em que se estuda o fenômeno da transferência do conhecimento dos técnicos agrícolas para um grupo de pequenos agricultores de Quirinópolis, microrregião Sudoeste de Goiás, utilizando a linguagem. Estes técnicos atuavam em departamento técnico de uma cooperativa agrícola da região.

A abordagem é de um estudo de caso. Adota-se o enfoque descritivo e as técnicas utilizadas são a entrevista e a observação. A entrevista possibilitou compreender as ações linguísticas entre técnicos e pequenos produtores rurais. O pesquisador atuou como espectador durante as visitas a propriedades rurais no município. O universo da pesquisa é constituído por nove técnicos agrícolas prestadores de assistência técnica para 150 pequenos produtores rurais. Cada técnico assiste a um grupo de mais ou menos dez famílias de pequenos produtores rurais, podendo atender até a dois grupos ao mesmo tempo. A maioria dos técnicos nasceu e cresceu no meio rural da região.

Os dados coletados são, predominantemente, descritivos. Neste aspecto, o ambiente e as pessoas não são reduzidos a variáveis estatísticas, pois busca-se o entendimento do todo. Não é possível compreender o comportamento humano sem levar em conta o quadro

referencial e contextual de que os indivíduos se utilizam para interpretar o mundo em volta.

III. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A entrevista teve como objetivo verificar como as conversas (prosas) do técnico, mediador das informações, com os pequenos produtores facilitam a interação. As variáveis identificadas foram as inquietudes compartilhadas, a receptividade na oferta, as reclamações, a recusa, a aceitação, a confiança, as críticas, os questionamentos, os compromissos firmados, as promessas, as afirmações, as declarações e as emoções, de acordo com o modelo do ciclo de coordenação de ações de Echeverria (1998). Elaborou-se um roteiro com 30 perguntas para a entrevista seguindo os descritores do ciclo de coordenação de ações.

As três primeiras perguntas referem-se ao “escutar” do técnico. Nessas três primeiras questões, buscou-se analisar o modo utilizado para compartilhar os problemas dos pequenos produtores e se o técnico se sentiu seguro quanto às necessidades explicitadas pelo pequeno produtor. A maioria dos técnicos respondeu que esse compartilhamento é feito por meio de conversas informais e que a atitude inicial deles é escutar tudo o que o pequeno produtor tem a falar.

As respostas dos técnicos vão ao encontro ao modelo teórico de Echeverria (1998). O autor afirma que escutar as inquietudes e entendê-las é fator determinante na capacidade de produzir resultados satisfatórios. Em muitos casos, a capacidade de escutar as inquietudes do outro faz que, além da solução do problema, surjam novas possibilidades que podem mudar a maneira de agir de uma pessoa. Desse modo, os técnicos, ao escutarem as inquietudes, conseguem propor ações direcionadas para cada um dos produtores, pois a realidade de um é bem diferente da do outro.

A quarta questão buscou informações sobre o “falar” do técnico mediador. Observa-se, pelas respostas dos técnicos, que os pequenos produtores são desconfiados e resistentes às mudanças, em virtude de falsas promessas feitas no passado por outros vendedores, que se apresentavam como técnicos agrícolas. A aceitação exige dos atuais muita persistência e insistência, por meio de conversas afetivas, para que consigam mudar essa imagem negativa e vencer as barreiras da comunicação. O resultado das conversas mostra que a confiança tende a crescer à medida que a convivência aumenta, e os pequenos produtores rurais perceberem que a atuação dos técnicos não visa a promoção de vendas de produtos ou insumos específicos.

Flores (1995), Echeverria (1998), Davenport e Prusak (1998) e Maturana (2009) propõem construir relacionamentos de confiança mútua nos encontros, utilizando locais adequados que estimulem a aproximação. Os técnicos têm usado como local de encontro a própria casa dos produtores para fazer essa aproximação. A própria casa é o lugar em que o pequeno produtor se sente mais seguro e confiante para falar. O “falar” do técnico, também, estimula o produtor a pensar e a falar, permitindo ao pequeno produtor manifestar-se. A linguagem comum existente entre os técnicos e os pequenos produtores facilita muito essa interação, porque segundo Bakhtin (2002), por meio da língua organizam-se as relações entre os homens.

Da quinta à décima primeira questões foram buscadas informações sobre os atos linguísticos nas fases de negociação e realização, entre o técnico mediador e os

pequenos produtores rurais. Na maioria das respostas dos técnicos, o pequeno produtor reconhece suas deficiências e caso a assistência imponha algumas restrições, elas são prontamente acatadas pelos pequenos produtores. As desistências e cancelamentos da assistência técnica ocorrem, sobretudo, quando a confiança ainda não se firmou e, em alguns casos, elas acontecem por questões financeiras.

Da décima segunda à décima sétima questão, buscaram-se informações sobre os atos linguísticos presentes nas fases finais de realização e na fase de avaliação entre o técnico mediador e os pequenos produtores rurais. As respostas dos técnicos revelam que, após o aceite, os compromissos firmados na visita são cumpridos e quando não o são, o produtor pede desculpas, pois, o técnico faz o relatório das visitas e o *checklist* das recomendações. Quanto à satisfação, os pequenos produtores fazem a declaração em público e, quando podem, apresentam dados estatísticos para provarem o aumento da produção. O reconhecimento pelos resultados e pelo acompanhamento é sempre divulgado e é frequente a declaração de gratidão ao técnico pela assistência.

Na décima oitava questão, informou-se sobre a confiança, responsável pela credibilidade de quem fala, essencial para toda ação, que, em razão de sua importância, está presente no ponto central do ciclo da coordenação de ações de Echeverria (1998). Os técnicos de nível médio disseram que a confiança vai se construindo aos poucos com a convivência, facilitada pela linguagem, em virtude da vivência comum no campo, com as conversas frequentes e com os resultados obtidos. Se o resultado é desfavorável, baixa a confiança, se for favorável, aumenta a confiança.

Echeverria (1998) define a confiança como relevante na interação porque ela interfere na credibilidade de quem fala e também na de quem escuta. Se uma pessoa não tem confiança na outra, o que é falado e escutado não é considerado. Para McInerney (2006), um ambiente criativo que apresenta a informação, aceita o risco, apoia o desenvolvimento do conhecimento, são fundamentais para estabelecer um clima de confiança. Segundo o autor, o ambiente é criativo quando se escolhem locais adequados para conversas descontraídas no qual trocam-se e se discutem informações.

Da décima nona à vigésima quinta questão foram buscadas informações sobre os atos da fala, na fase de avaliação do ciclo de coordenação. Os pequenos produtores sempre pedem desculpas pelo não executado e o técnico de nível médio, por sua vez, também procura cumprir com o cronograma das visitas agendadas. A linguagem simples do técnico facilita muito a compreensão e o prolongamento das conversas. Todos os técnicos de nível médio selecionados nasceram e/ou viveram em propriedades rurais, por isso, sua maneira de expressar facilita a comunicação. Para eles, o pequeno produtor mais velho no campo é o mais difícil de convencer do que o novo, porque o antigo já passou por experiências que o marcaram e o novo ainda não dispõe de parâmetro para comparação e discussão. Por isso, existe uma troca de informações nas duas vias, mas um elo importante dessa relação é o respeito à experiência do pequeno produtor rural.

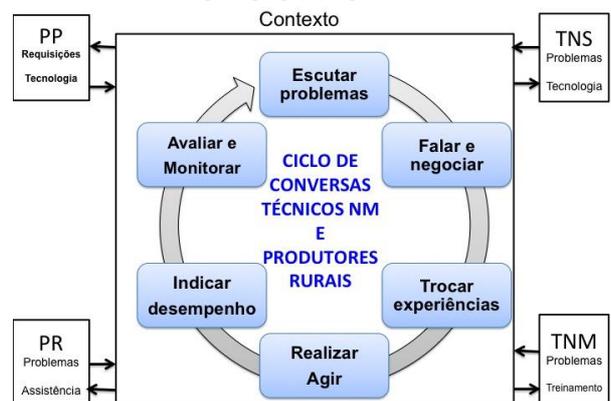
Maturana (2009) afirma que o que nos leva à ação é a emoção e que não há ação somente com a razão. Todas as ações são consequência do emocional. Para o autor, as emoções não são sentimentos, mas disposições corporais dinâmicas que definem domínios de ação em que a pessoa

se move. Essa disposição corporal permite, como ser humano, aceitar o outro pela convivência. Na convivência aprende-se o respeito à experiência, às crenças, às histórias do outro. A emoção foi exposta por todos os técnicos entrevistados. Eles afirmam que o respeito e a consideração entre eles e as famílias dos pequenos produtores foi o principal elo para a comunicação e para a cooperação. A cooperação leva à confiança e aumenta o desempenho do grupo, e, caso não ocorra, rompe-se o ciclo, inviabilizando a coordenação das ações.

Da vigésima sexta a trigésima questão informou-se sobre os resultados, transformações pessoais e profissionais e a continuidade do ciclo. Em consonância às entrevistas, verificou-se que todos os técnicos mantêm o ciclo ativo passando por todas as propriedades, em média, duas vezes ao mês. As maiores mudanças para os técnicos foram a oportunidade de colocar a teoria na prática e se tornarem uma pessoa melhor na convivência com os outros. Sobre o aprendizado, afirmam que a maior mudança foi na vida pessoal, uma mudança comportamental. Aprenderam novas práticas, a escutarem mais, a respeitarem a experiência dos pequenos produtores e a reconhecerem suas próprias deficiências e competências. Sobre as mudanças percebidas no pequeno produtor, identificaram maior participação e desenvolvimento social. Os produtores passaram a falar mais, a serem mais sinceros e comunicativos, criando mais vínculos familiares e maior convivência, maior interação com os outros grupos de produtores, conseqüentemente, melhor compartilhamento de informações e aumento na produção. Habermas (2001) e Capra & Eichemberg (2006) confirmam a importância das interações para a coordenação das ações.

A Figura 1 apresenta o modelo proposto, como resultado da pesquisa, para a transferência do conhecimento técnico para os pequenos produtores rurais da região sudoeste de Goiás. Segundo Michaud (2006) e Silva (2006), um modelo consiste em um conjunto de objetivos, descrito em termo de variáveis e relações que devem ser fundamentados por teorias.

Figura 1 – Proposta de um modelo de transferência do conhecimento para pequenos produtores rurais.



Legenda: PP: Pesquisadores e Parceiros; TNS: Técnicos de Nível Superior; TNM: Técnicos de Nível Médio; PR: Produtores Rurais

Fonte: Elaboração própria

A informação sustenta e mantém o ciclo ativo. Essa informação surge dos grupos de estudo de pesquisadores de várias entidades (PP), que se reúnem para encontrar as tecnologias mais adequadas e inovadoras para os pequenos

produtores tendo as requisições, problemas e inquietudes como parâmetro. Essas informações são discutidas com os técnicos de nível superior (TNS). Após apreciação, ela é apresentada pelos TNS aos técnicos de nível médio (TNM). Tendo aceitação, segue-se o treinamento dos técnicos de nível médio para o uso das novas tecnologias. Eles, já treinados, são os mediadores das novas tecnologias por meio do contato direto com os pequenos produtores. Inicia-se, assim, o ciclo de conversas para a ação (conhecimento). O ciclo é composto pela análise do contexto, pela negociação, pela execução das atividades e, finalmente, pela avaliação dos resultados, segundo modelo de Echeverria (1998). Todo o ciclo é mediado por conversas que exigem convivência, produzem confiança e, conseqüentemente, aumentam a interação entre eles.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modelo proposto de transferência do conhecimento técnico para pequenos produtores rurais apresenta o contexto em que se situam os atores interessados e o ciclo de conversas, tendo como principal objeto de estudo as ações do técnico rural que faz a mediação da informação para o pequeno produtor rural. Do ciclo, priorizam-se a avaliação e o monitoramento, porque sem esses atributos não se pode medir a eficácia do modelo.

Como fundamentação teórica para o modelo, analisaram-se conceitos relativos a teoria que envolve o ciclo da coordenação de ações de Echeverria (1998) que aumentam as disposições corporais para a ação e viabiliza a continuidade e a sustentabilidade do processo na troca de informações, no falar e escutar, para gerar conhecimento.

Os dados da pesquisa apresentam indícios de que o problema dos pequenos produtores não se encontra na falta de informações, mas, sim, na ausência de uma mediação adequada. Percebeu-se que a tecnologia, por si só, não é responsável pelo crescimento e desenvolvimento do grupo, o que reafirma a importância da mediação para a transferência do conhecimento. Os técnicos de nível médio, mediadores da informação para os pequenos produtores de Quirinópolis (Goiás), por meio de uma linguagem clara, simples e acessível, conseguiram levá-los à ação, isto é, ao conhecimento em consonância com as prosas, na cozinha das casas dos pequenos produtores, local em que os produtores se sentiam à vontade para falar e escutar, o que favoreceu a interação entre eles.

Assim, verificou-se que o contexto, neste caso, levou ao sucesso da transferência do conhecimento, pois a convivência e a adaptação da linguagem são fatores necessários para a absorção da informação.

V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. Ruralidade e desenvolvimento territorial. In: **Seminário agricultura familiar e desenvolvimento territorial**, 1, Brasília, DF: NEAGRI-UnB; SAF-MDA; Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária-UnB, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BELKIN, Nicholas J. Information concepts for information science. **Journal of Documentation**, v.34, n.1, p.55-85, 1978.
- BORKO, Harold. Information science: what is it? **Journal of the Association for Information Science and Technology**, v.19, n.1, p.3-5, 1968.
- BROOKES, Bertram C. The foundations of information science Part I. Philosophical aspects. **Journal of information science**, v.2, n.3-4, p.125-133, 1980.
- CAPRA, Fritjof; EICHEMBERG, Newton Roberval. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. In: **Encontro Nacional de pesquisas em ciência da informação**, 5, 2003, Belo Horizonte. Recuperado em 5 de abril, 2009, de http://www.capurro.de/enancib_p.htm.
- CEZAR, Ivo M. Transferência de tecnologia. **Biotecnologia Ciência & Desenvolvimento**, 2011.
- DAVENPORT, Thomas H.; PRUSAK, Laurence. **Conhecimento empresarial: como as empresas gerenciam seu capital intelectual**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- DE OLIVEIRA, Vitória Peres. Uma informação tácita. **DataGramZero. Revista de Ciência da Informação**, v.6, n.3, 2005.
- ECHEVERRIA, Rafael. **Ontologia del language**. Santiago do Chile: Dolmen, 1998.
- FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura. Base de dados Faostat. Recuperado em 15 de agosto, 2016, de <http://faostat.fao.org>.
- FLORES, Fernando. **Creando organizaciones para el futuro**. Santiago do Chile: Dolmen, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. (5ª ed.), São Paulo: Loyola, 1999.
- FRANCO, Augusto de. **Capital social**. Brasília: Millennium, 2001.
- GOLDMANN, Lucien. Importância do conceito de consciência possível para a informação. In: **Colóquios Filosóficos de Royaumont**. O conceito de informação na ciência contemporânea. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoría de la acción comunicativa**. Madrid: Taurus, 1987.
- HABERMAS, Jürgen. Racionalidade e comunicação. Lisboa: Edições, 2001.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 2006**. Recuperado em 15 agosto, 2016, de <http://www.sidra.ibge.gov.br>.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A interação pela linguagem**. (8ª ed.). São Paulo: Contexto, 2003.
- LACKI, Polan. **Livro dos pobres rurais**. 2013. Recuperado em 4 de abril, 2015, de <http://www.polanlacki.com.br/agrobr/indice.html>.
- LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília, Briquet de Lemos Livros, 1996.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

- MATURANA, Humberto R. **Transformacion**. Santiago: Dolmen, 1997.
- MATURANA, Humberto R. **Ontologia del conversar**. Santiago: Ed. Universitária, 1999.
- MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.
- MCINERNEY, Claire R. Compartilhamento e gestão do conhecimento: profissionais da informação em um ambiente de confiança mútua. In: TARAPANOFF, K. (org.). **Inteligência, informação e conhecimento em corporações**. Brasília: IBICT, UNESCO, p.57-72, 2006.
- MICHAUD, Claude. (2006). Modelos e conhecimento. In: TARAPANOFF, K. (org.). **Inteligência, informação e conhecimento**. Brasília, DF: IBICT, UNESCO, p.212-239, 2006.
- NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação de conhecimento na empresa**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- RODRIGUES, Bruno César; CRIPPA, Geulia. A recuperação da informação e o conceito de informação: o que é relevante em mediação cultural. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.16, n.1, p.45-64, 2011.
- SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas. **Manual do Tanque Cheio**. Goiânia, 2010.
- SILVA, Armando Malheiro da. **A informação: da compreensão do fenômeno e construção do objeto científico**. Porto: Edições Afrontamento, 2006.
- SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda. **Paradigmas, serviços e mediações em Ciência da Informação**. Recife: Néctar, 2011.
- TORO, José B.; WERNECK, Nísia M. D. **Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A agricultura familiar no Brasil: um espaço em construção. **Reforma Agrária**, Campinas, v. 25, n. 2/3, p. 37-57, 1995.
- WERSIG, Gernot. Information consciousness and information propaganda. In: **FID/ET Technical Meeting**, Madri, p.8-11, 1976.

VI. COPYRIGHT

Direitos autorais: Os autores são os únicos responsáveis pelo material incluído no artigo.

Submetido em: 20/01/2017

Aprovado em: 07/03/2017